

Resenha

CHEVITARESE, André Leonardo. & CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaios acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

Bianca Miranda Cardoso<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/8277187602763178>

Já na apresentação, Ciro Flamarion Cardoso descreve o livro como “voluntariamente provocativo” (p.12) no melhor sentido possível: o de incentivar o estudo acadêmico e o diálogo sobre os temas que abordam, para que este campo floresça também no Brasil. Cardoso estabelece o contexto no qual a obra se insere como de mudança de perspectiva nas universidades norte-americanas no que diz respeito às ciências religiosas que anteriormente tinham no cristianismo um paradigma indiscutível. Por conta desta visão, segundo ele anacrônica e preconceituosa, observava-se em religiões não cristãs elementos “positivos” porque similares ao cristianismo. Posteriormente, o multiculturalismo pós moderno e o crescente contato entre estudos religiosos, antropológicos e filosóficos tornou possível que fossem feitos trabalhos críticos usando livros sagrados como fontes antigas.

No caso do Brasil deve-se acrescentar o número limitado de estudos deste nível, como também de traduções de trabalhos produzidos no exterior, além do avanço de posições fundamentalistas entre protestantes e católicos, dificuldades para o trabalho historiográfico com temas e fontes religiosas facilmente contornadas na obra.

Aqui também é destacada a metodologia escolhida pelos autores para analisar interações culturais aprofundada na introdução com menção às obras de Werner Jaeger (1961) e Arnaldo Momigliano (1975) tidos como clássicos no campo historiográfico. Após extrair destes os pontos que nortearão o livro, os autores tecem suas críticas a estas obras e apresentam outros autores, mais recentes, como Marshall Sahlins (1985), já citado na apresentação, para um conceito de interação no qual “a cultura é historicamente reproduzida e alterada na ação”(p.20) priorizando-se portanto a idéia de interação como negociação.

Também é utilizada a noção de sincretismo aberto explicado pela idéia de interpenetração de Roger Bastide segundo a qual este seria uma “estratégia de contraposição dos valores da cultura dominante sobre a cultura dominada” envolvendo

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação do Dr. André Leonardo Chevitarese. O tema de pesquisa envolve “Cristianismo Primitivo na Anatólia e a Sociedade Celta”. Site pessoal: [www.biancamirandaufjrj.blogspot.com](http://www.biancamirandaufjrj.blogspot.com)

uma reinterpretação dos elementos durante a troca. Assim, os elementos novos seriam digeridos ou não pela(s) cultura(s) anterior(es). A isto é acrescentada a *circularidade cultural* de Carlos Ginzburg, isto é um “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo pra cima, bem como de cima pra baixo”(p.26).

Trazendo estas premissas para o caso estudado das interações entre cristianismo, judaísmo e helenismo, encontra-se aqui a coexistência de várias formas de cada um destes a partir de sua interação, o que permitiria a sobrevivência de práticas anteriores concomitantemente a incorporação do culto e rito judaico e cristão, num “diálogo constante entre o presente e o passado”(p.24)

Com esta longa explicação de cunho metodológico os autores pretendem apresentar o ponto de contato entre os demais capítulos do livro. Aparentemente desconexos, são na verdade como a demonstração empírica, em casos específicos, da proposta de interações culturais estabelecida nesta introdução.

#### Capítulo I : Reflexões em torno de Daniel 9:1-19

Neste capítulo os autores buscam demonstrar a helenização ocorrida na comunidade produtora do livro de Daniel já que este livro, apesar de não ter sido produzido por um autor grego, nem ser originalmente escrito em grego, apresenta idéias helenicas.

As diversas “armadilhas históricas” presentes no texto e as discrepâncias entre a primeira parte (cap. 1 a 6 – Daniel e seus três companheiros) e a segunda (cap. 7 a 12 – visões apocalípticas) dificultam o trabalho indicando o desconhecimento do autor sobre os episódios que descreve e também a ação de um editor, o que se torna ainda mais complicado quando as duas partes do texto são datadas com duas gerações de diferença, ambas inseridas num contexto de pressões externas sobre Jerusalém e internas entre facções judaicas em busca do poder político e econômico, além da movimentação internacional decorrente de disputas militares pela região.

Em Daniel, Antíoco IV Epífanes é descrito como o anticristo e a origem do mal sobre Israel por conta das reformas introduzidas em Jerusalém pelos judeus helenizados e pela profanação do templo por suas tropas sob decisão sua. As adversidades momentâneas se devem ao afastamento do povo judaico de Deus, por isso é tecida dura crítica interna na qual, ao se incluir, chama a uma reconciliação da sociedade judaica. Como uma tomada de consciência de uma sociedade que antes havia visto estas mudanças como boas e inevitáveis.

Após a demonstração dos pontos de contato entre a “Oração de daniel” e o Primeiro e Segundo Livros de Macabeus chega-se a conclusão de que como as reformas

foram encabeçadas pela comunidade judaica e pela ausência de ação contrária, esta comunidade teria um caráter altamente helenizado.

## Capítulo 2: Jesus era judeu ou a Galiléia esquecida?

Apesar da ausência de vestígios que o provem, é comum a visão de uma Galiléia antes helênica X judia e depois cristã X judia. A intenção do autor com este artigo é demonstrar que mesmo sob a existência de uma tradição grande e outra pequena, há resistência principalmente na forma da tradição oral, e assim “resgatar um ponto de vista sobre a história da Galiléia no tempo de Jesus para melhor entendermos a tradição religiosa que constituiu o caldo de cultura da figura histórica de Jesus nos Evangelhos Sinóticos.”(p.43)

A seguir o autor cita as fontes que utiliza para tal, dentre elas os Evangelhos Sinóticos e, mais a frente, apócrifos tecendo-lhes críticas. A conclusão a que se chega é que por maior que seja a imposição e dominância de uma cultura oficial, sobrevive a cultura tradicional predominantemente oral como forma mesmo de resistência cotidiana e silenciosa ao sistema excludente.

Depois de explicar o período de influência helênico e, mais tarde, romano, o autor demonstra o cenário instável de “miséria, endividamento e banditismo social”(p.56) da Palestina na época de Jesus e a pluralidade cultural da Galiléia respondendo a pergunta inicial da seguinte forma: “judaica sim, mas até certo ponto e em toda sua diversidade”(p.68)

## Capítulo 3: Práticas mágicas no Novo Testamento e para além dele

Este breve capítulo se inicia com uma crítica a visão dualista ainda predominante no que diz respeito à história antiga grega e romana separando nestas sociedades o racional do maravilhoso de forma que torna-se quase cômico que ambas as visões residam numa mesma sociedade. Da mesma forma, ainda no meio acadêmico, um tema pouco abordado nos estudos teológicos são as práticas mágicas nas comunidades cristãs.

Assim, quebrando esta rotina de vista grossa os autores pretendem estudar as palavras *pharmakós* e *báskanos*, ambas presentes na carta de Paulo aos Gálatas e de cunho mágico por terem a possível tradução de “enfeitiçar” e “feitiçaria” respectivamente. Posteriormente há o estudo de amuletos com um cavaleiro num cavalo submetendo o inimigo, tema que será aprofundado no cap 5, chegando-se a conclusão de que estas práticas ainda existiam nas primeiras comunidades cristãs.

O tema do amuleto seria um símbolo de vitória e, portanto, usado contra o mal e estas práticas, bem como as idéias apocalípticas estariam mais ligadas às camadas populares já que, como visto em capítulos anteriores esta seria também uma forma de resistência à cultura dominante.

#### Capítulo 4: Convergências apocalípticas nas esquinas da magia: O sincretismo religioso helenístico dos papiros mágicos gregos

Ao discorrer sobre a história e o conteúdo dos *Papiros Mágicos Gregos* é possível observar paralelos entre magia e mitos e entidades judaico-cristãos demonstrando uma cultura religiosa na qual as diversas tradições diferentes dialogam entre si, havendo mesmo a “*inversão* dos mitos e rituais das religiões tradicionais para que se tornem úteis para a resolução de problemas cotidianos”(p.95). Assim, a presença de temas apocalípticos demonstraria a luta escatológica também no cotidiano.

Diferente de outros estudiosos que poderiam interpretar este sincretismo como uma corrupção da religião verdadeira, os autores entendem a presença de temas apocalípticos nos papiros mágicos gregos como uma síntese criativa entre diversas culturas num momento de helenização. Portanto, além de uma forma de resistência religiosa a magia seria também, em um fenômeno religioso mais arraigado nas comunidades pela força da tradição.

#### Capítulo 5: Amuletos, Salomão e cultura helenística

Aqui são utilizados amuletos judaicos cuja imagem encontra-se, acompanhada de descrição, ao fim do capítulo. Enquanto em uma de suas faces estes amuletos apresentam a imagem do cavaleiro submetendo o inimigo, remetendo a imagem de Salomão, já estudada ainda que superficialmente no cap 3, no anverso destes amuletos há inscrita a palavra *sphragís* (selo) presente em diversos livros do Antigo Testamento, bem como na obra de Josefo.

Isto leva o leitor à constatação de que esta palavra seria bastante disseminada pelas comunidades judaicas da diáspora em seu sentido real e figurado, o que explicaria sua conexão com a imagem de Salomão que segundo uma crença também bastante difundida (a prova seriam os próprio amuletos) teria recebido de Deus um selo pelo qual teria o poder de submeter todos os demônios.

A ligação do soberano a esta imagem imponente sobre o cavalo submetendo o inimigo seria devida ao interesse deste por carros e cavalos, além de sua riqueza e poder. A imagem do cavaleiro sobre o cavalo como símbolo natural de vitória, como dito no cap 3, além de sua utilização no contexto militar seria o motivo de sua presença em amuletos apotropaicos. Para a cultura judaico-cristã o inimigo estaria associado aos opositores ao plano de Yahweh.

Após a enumeração, descrição e comparação de diversos amuletos o autor discorre sobre o fato de em quatro amuletos judaicos o inimigo se tratar de uma figura feminina. A causa disto, segundo o autor, seria um contexto de diferenciação crescente

na função sexual, causando uma exclusão da mulher dos meios oficiais de expressão religiosa, restando-lhe a magia. Sendo assim, a representação do inimigo como mulher seria reflexo do medo masculino da ameaça feminina a sua supremacia, ao mesmo tempo enquadrava a mulher no papel passivo que devia ter no meio social.

A conclusão do capítulo é que além de símbolos da interação entre judeus e não judeus pela crença difundida de Salomão como exorcista e sua representação como cavaleiro imponente, antes de personagem do AT; também era difundida a crença na magia e sua prática.

#### Capítulo 6: O Anel de Salomão: Magia e apocalíptica no Testamento de Salomão

Ainda tratando da figura de Salomão como rei sábio e poderoso exorcista a proposta aqui é a utilização do *Testamento de Salomão*. Sabendo que para elaboração de tal documento ter-se-ia utilizado o mesmo idioma do Novo Testamento, é apresentada a polêmica da datação e localização do texto. Após uma breve apresentação do conteúdo do texto há uma comparação com o que Flávio Josefo teria escrito sobre o soberano, revelando que o poder exorcístico de Salomão era conhecido em sua época.

O texto poderia se tratar de uma oposição satírica a salomão traidor pela influencia estrangeira, mas parece ser mais importante que salomão teria poder sobre os demônios do que que o templo teria sido construído por eles, isso somado ao número de escravos que possuía seria demonstrativo de seu poder. A utilização deste documento para a prática da magia é explicada por essa socialização do saber adquirido podendo, este texto, ser entendido como tradição religiosa popular.

"...como sonho, como piada ou até mesmo como protesto contra uma obra, um trabalho religioso (o templo e sua aristocracia) que não alivia em nada a vida do povo, aliás continua cobrando (...) muito trabalho e impostos e só o diabo sabe o que mais!"(p.147)

#### Capítulo 7: O Uso de um Esquema Imagético Politeísta Entre os Primeiros Cristãos

Retoma-se os capítulos 3 e 5 para se utilizar do modelo imagético judaico cristão para estabelecer uma relação entre politeísmo, judaísmo e cristianismo pelo fato do movimento cristão ser considerado originalmente como uma seita judaica, o que explicaria a dependência das comunidades cristãs do modelo iconográfico judaico.

Somente no século III há uma separação entre estes dois como religiões diferentes e uma consequente criação de representações cristãs do cavaleiro. Isto, é claro, não impede que ambas tenham se utilizado de esquemas politeístas tradicionais. A diferença entre a representação do cavaleiro segundo cada esquema é que nos amuletos cristãos o cavaleiro está associado ao próprio cristo.

Ainda sobre o símbolo do cavaleiro e do cavalo o autor estuda a presença destes no livro do apocalipse e sua recepção podendo esta ser uma interpretação literal, alegorização de seu conteúdo ou o rechaço completo. Atraves de uma comparação entre os amuletos e os símbolos presentes no livro percebe-se uma associação do cavalo à morte, à guerra e à soberania. A vitória do bem sobre o mal no livro do Apocalipse teria sido lida na comunidade cristã como garantia de que todos os inimigos de Deus seriam derrotados.

#### Capítulo 8: Sexualidade e Violência no Reino dos Céus: O Caso do Evangelho Secreto de Marcos e as Tradições Cristãs Primitivas

Aqui os autores estudam uma passagem peculiar do evangelho de marcos envolvendo um jovem que anda ao lado de Jesus, mas quando as autoridades tentaram agarrá-lo ele deixa o lençol que o cobria e foge nu. A explicação deste símbolo num momento tão tenso da narrativa poderia significar a comunidade que foge nua como símbolo de vergonha, mas ao estudar a palavra que o autor usa ao informar que este jovem acompanhava Jesus (*sunakolouthéo*) percebe-se que este é um tipo especial de companhia que poderia remeter a um grupo denominado “carpocracianos” com a filosofia de que o pecado era um meio de salvação ao invés de perdição. Esta informação é dada pelo Evangelho Secreto de Marcos, usualmente desconsiderado, por conta de uma tendência historiográfica de ler o movimento cristão originário como singular em vez de plural.

“Mas, por motivos que hoje estão quase que completamente perdidos, salvo por alguns poucos indícios, a chamada ortodoxia cristã não pode (ou não quis?) suprimir totalmente a memória de um ritual homoerótico de iniciação aos mistérios do Reino dos Céus.”(p.162)

Um livro inovador, sem dúvida, na medida que aplica um olhar interdisciplinar e acadêmico sério a temas tão polêmicos como interações culturais entre comunidades cristãs, judaicas e pagãs.

Seus problemas residem na parte editorial, pois menciona imagens não presentes e, nos momentos de citação de imagens apresenta uma localização com atraso ou adianto de páginas. Quanto à formação do texto, como dito na introdução os capítulos são aparentemente desconexos se não pela metodologia no que diz respeito a interações culturais, o que também poderia ser bastante atenuado já que diversos capítulos retomam outros, seja pela documentação, recursos imagéticos ou conclusão.

Se lido com o olhar que a teologia e o público em geral usualmente tem, se trata de uma leitura em vão já que não possui uma resposta e sim perguntas que continuam surgindo durante e após o término do livro. Assim trata-se de um pivô para o diálogo

crítico sobre estes temas, algo necessário e escasso nas livrarias e bibliotecas universitárias do Brasil.